

Resenha

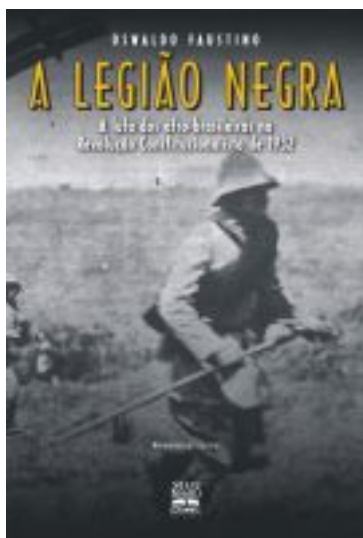
FAUSTINO, Oswaldo. *A Legião Negra: a luta dos afro-brasileiros na Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo: Selo Negro, 2011

A legião esquecida

Ariella Silva Araujo*

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?

Walter Benjamin (1994)



Dar visibilidade e voz a protagonistas negros silenciados pela história escrita pelos vencedores é o principal mérito do romance histórico de Oswaldo Faustino. O autor empreende tal missão redentora através da reconstrução de *A Legião Negra*, movimento criado por dissidentes da Frente Negra Brasileira¹,

¹ Frente Negra Brasileira foi um movimento social negro importante surgido em 1931, transformando-se em partido político em 1936. Seu principal objetivo era a ascensão social do negro e para isso procurava conscientizá-los no sentido da importância da instrução, do

com o objetivo de engajar-se na Revolução Constitucionalista de 1932, contra Getúlio Vargas. O contexto político, social e cultural de São Paulo é, portanto, recriado através de personagens emblemáticas (alguns reais, outros fictícios) através das reminiscências de um personagem central: Tião Mão Grande.

Jornalista, escritor e estudioso das relações étnico-raciais, conhecido pela sua publicação biográfica de Nei Lopes (2009), ao qual assina o prefácio desta obra, Faustino trabalha com uma temática original, ou pouco explorada pela literatura corrente², ou seja, a atuação de uma legião formada, em

trabalho, da casa própria e do progresso. Dessa forma, o meio de divulgação de tais formulações encontrava-se em seu órgão de imprensa oficial “A Voz da Raça” fundado em 1933 (FERRARA, 1986)

² Segundo Faustino (2011) há somente dois grandes trabalhos publicados sobre o tema: o artigo “Os Pérolas Negras: a participação do negro paulista na Revolução Constitucionalista de 1932” de Petrônio José Domingues; e um capítulo do pesquisador e fotógrafo Jeziel de Paula “Imagens construindo a História” de 1932.

princípio, por três batalhões compostos predominantemente por afrodescendentes voluntários. O livro ganhou corpo após o ator Milton Gonçalves pedir-lhe que fizesse pesquisa sobre o assunto, contando-lhe a intenção de fazer um filme sobre a Legião Negra. Foi justamente essa pesquisa que possibilitou remontar a década de 1930 e suas relações sociais contraditórias: ora conflituosas ora harmônicas, em que se inter-relacionavam paulistas quatrocentões, negros, mestiços, imigrantes europeus e migrantes oriundos principalmente de estados do Nordeste. Contudo, os lugares sociais eram muito bem delimitados, restando apenas aos negros e pardos os cortiços, os porões e subúrbios, as “rodas de tiririca”, o jogo ilegal e “os biscates”, conhecido como “negros da Glete”³.

Organizado em trinta e três contos, o livro começa com “*Lembrança, relebranças, revivências*” apresentando o centenário Tião Mão Grande, que relembra sua participação como voluntário da Revolução. É justamente através de sua memória que se constrói o cenário da época, representado nas regiões do Bexiga, Liberdade e Baixada do Glicério; as expectativas com a Revolução de 1930; os estereótipos do imigrante europeu (anarquista), os estigmas do negro (“negro fedido”, “negrada mole”, “indolente”, “cachaceira”) principalmente do negro baiano, presente em “*Pró, contra ou ... muito pelo contrário*”. A modernização de São Paulo trouxe consequências, por exemplo, o não lugar para os negros,

³ Segundo Domingues (2004) eram conhecidos também como “valentes da Barra Funda”, pois viviam de trabalho esporádico, realizavam rodas de samba nas proximidades do Largo da Banana, no bairro da Barra Funda, onde formavam pernadas e umbigadas

conduzindo a uma segregação espacial à medida que tais localidades se valorizavam, pois “a grandeza e a modernidade de São Paulo têm seus donos, a ‘brava gente bandeirante’” (FAUSTINO, 2011, p. 36)⁴. Somado a essa segregação ressalta-se ainda o caráter das habitações (“aperto”, “umidade”, “calor”) e condições de vida precárias, em que a alta taxa de mortalidade era uma constante, muito bem apontado em “*Família, célula mater da sociedade*”. Este traz muitos elementos já levantados por Fernandes (1965), como o papel da mulher negra de “arrimo das famílias”, já que os homens negros encontram vários problemas de “adaptação” a nova ordem social competitiva que se anunciava, restando-lhes apenas as ocupações residuais do sistema e a ação condenatória por parte do Estado. Aqui podemos fazer um paralelo com o que Wacquant (2008) chama de ascensão do Estado Penal, uma vez que se passa a administrar o populacho que incomoda através da criminalização de comportamentos de “vadiagem” e “mendicância” presente nos artigos 295 e 296 do Código Criminal do Império de 1930. Apesar de este autor estudar a realidade dos Estados Unidos da América do Norte e a problematização da questão racial, muitas aproximações podem ser feitas com o Brasil a partir do que descreve, claro que guardadas as respectivas proporções⁵. Uma delas diz

⁴ Para detalhes sobre o processo de segregação espacial sofrida pelos negros ver Bernardo (1998)

⁵ Uma delas é o fato de nos Estados Unidos ter se constituído uma política clara de segregação racial e abandono, segundo Wacquant (2008). No Brasil, não podemos dizer que houve o mesmo, pois aqui se constitui uma “etiqueta racial”, em que não possuíamos uma legislação racista na constituição republicana. Contudo, isso não exclui a hierarquia de raças das políticas estatais (MOUTINHO, 2004).

respeito à realidade do negro norte-americano após a Abolição, em que aquele passou da “escravidão ao encarceramento em massa”. Historicamente, o que se verifica no Brasil é alta percentagem de negros no sistema prisional (WACQUANT, s/d).

Apesar de todos os contos serem vivenciados a partir das reminiscências de Tião Mão Grande, personagem fictício, há outros reais, como a história de Maria Soldado, empregada doméstica que decidiu engrossar as fileiras revolucionárias apesar de venerar Getúlio Vargas; o advogado Joaquim Guaraná Santana, que segundo Domingues (2008) foi liderança negra pouco conhecida, tendo fundado a Legião Negra e o Partido Radical Nacionalista (PRN) de orientação fascista; o grande orador Vicente Ferreira; Arlindo Veiga dos Santos e José Benedito Correia Leite em “*O que separa vale mais do que une*”, o título talvez remeta a orientação desses dois atores, o primeiro de tendência monarquista e o segundo socialista.

Pode-se dizer que outros personagens, embora fictícios, são inspirados em arquétipos históricos, como Teodomiro Patrocínio, protegido por família rica e branca, logo criado através dos valores brancos, retratados em “*Como se clareia a noite da pele humana?*”, marcando os limites do lugar do negro e do lugar do branco. Teodomiro de início renega a ascendência africana e a negritude, “Ele era moreno”, ressaltando até mesmo o “sangue de índio”, tido como mais “nobre”. Acreditava na conhecida Democracia Racial, que segundo Costa (1999) não expressava apenas uma opinião difundida entre a elite branca, mas também, entre muitos negros, o que ajudava a diminuir o conflito social, daí o seu tom ideológico, no sentido de

Marx e Engels (1998), uma vez que “através das ideologias, são montados um imaginário e uma lógica da identificação social com a função precisa de escamotear o conflito (entre as classes sociais), dissimular a dominação e ocultar a presença do particular, dando-lhe a aparência de universal [...]” (CHAUÍ, 2006, p. 32). No desenrolar dos contos e com as manifestações de preconceito que passa a sofrer, faz um balanço de suas posições “monarquistas”; do culto aos valores brancos, como “os escravos são incapazes de fazer a abolição”, tornando-se depois um grande líder militar da Legião Negra. Outros também fictícios como Luvercy, jovem negro alistado pelo pai contra a sua vontade, também combatente de ideais patrióticos; John um jamaicano foragido dos EUA, onde participava das lutas anti-racistas, que conviveu com pensadores como seu conterrâneo Marcus Garvey.

A cada capítulo Faustino resgata os valores de uma época pautados ao mesmo tempo por um patriotismo e preconceito racial. Evidencia que mesmo alijados de direitos e com chances mínimas de ascensão social, milhares de negros aderiram a uma causa estranha à sua realidade, “essa revolução não é minha”. Uma causa que, embora justa para alguns, traria ínfimas mudanças à sua situação de excluídos. “Poucos brasileiros sabem que esses bravos batalhões existiram. Infelizmente, o protagonismo negro continua fora da história oficial”, afirma Faustino.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDO, Teresinha. **Memória em Branco e Negro**: olhares sobre São Paulo. São Paulo: UNESP, 1998

CHAUÍ, Marilena. Crítica e ideologia. In: **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 11ª edição revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. São Paulo: UNESP, 1999.

DOMINGUES, P. **A nova Abolição**. São Paulo: Summus, 2008.

_____. **Uma história não contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Senac, 2004

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERRARA, M. N. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

MOUTINHO, Laura. **“Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional**: uma comparação entre Brasil e África do Sul. Cadernos Pagu (23), julho-dezembro de 2004, pp.55-88.

WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Da escravidão ao encarceramento em massa**: repensando a “questão racial” nos Estados Unidos. Disponível em:

www.newleftreview.org/?getpdf=NLR24703&pdflang=pt

* **ARIELLA SILVA ARAUJO** é Mestranda em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Araraquara.